

OS PEQUENOS SUJEITOS DA LUTA PELA TERRA: EDUCAÇÃO INFANTIL POPULAR NA CIRANDA INFANTIL DO MST

Fábio Accardo de Freitas¹

RESUMO: Este artigo tem como objetivo analisar a prática educativa com as crianças na Ciranda Infantil do pré-assentamento Elizabeth Teixeira do Movimento de Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) a partir da Sociologia da Infância e da Educação Popular. As crianças são o ponto de partida da prática educativa, e da análise realizada, uma vez que são reconhecidas como sujeitos da história, atores no mundo e protagonistas da luta pela terra. A análise partiu da minha participação como educador-pesquisador na Ciranda Infantil do pré-assentamento e dos relatos de atividades do coletivo de extensão Universidade Popular, utilizados como fonte da pesquisa. Os relatos apresentam o protagonismo das crianças como sujeitos no mundo e produtoras de culturas infantis (FERNANDES, 2004; CORSARO, 2011). Como espaço de educação das crianças Sem Terrinhas, a Ciranda Infantil insere-se na trajetória da Educação Popular, coloca o movimento social como espaço e princípio educativo de formação dos sujeitos, garante espaço de encontro do coletivo infantil e reconhece as crianças enquanto pequenos sujeitos da luta pela terra, elementos que contribuem para caracterizá-la como uma experiência de Educação Infantil Popular.

PALAVRAS-CHAVE: Criança; Infância; Culturas Infantis; Sociologia da Infância; Educação Infantil Popular; Movimento Social; Ciranda Infantil.

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação, na linha de Conhecimento e Inclusão Social, na Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: fabioaccardo@gmail.com

THE SMALL SUBJECTS OF THE FIGHT FOR THE EARTH: POPULAR CHILDREN EDUCATION IN THE CHILDREN'S SURGERY OF THE MST

ABSTRACT: This article aims to analyze the educational practice with children in the Ciranda Infantil of the pre-settlement Elizabeth Teixeira of the Movement of Landless Rural Workers (MST) from the Sociology of Childhood and Popular Education. The children are the basis of educational practice, and in the analysis performed, once they are recognized as subjects of history, actors in the world and protagonists in the struggle for land. The analysis was based on my participation as an educator-researcher in the Ciranda Infantil of the pre-settlement and in the reports of activities of the Popular University extension group, that was used as the research source. The reports present the protagonism of children as subjects in the world and producers of children's cultures (FERNANDES, 2004; CORSARO, 2011). As a educacional space of the children without landmarks, the Ciranda Infantil inserts itself into the Popular Education trajectory, set the social movement as a space and educational principle for the formation of the subjects, guarantees the space for the children's collective meeting and recognizes children as small subjects of the struggle for land, elements that contribute to characterize it as an experience of Popular Children's Education.

KEYWORDS: Children, Childhood, Peers Cultures, Sociology of Childhood, Popular Early Childhood Education, Social Movement, Ciranda Infantil.

INTRODUÇÃO

As reflexões presentes neste artigo iniciam antes da própria escrita deste texto. Tem início com o trabalho sistemático com as crianças Sem Terrinha², de onde surgiram as questões que permeiam o artigo, e no qual o autor atuou como educador infantil. É assim, antes, uma reflexão a partir da prática educativa com as crianças, como práxis, na qual prática e teoria vão se modificando constantemente.

² Sem Terrinha é a identidade coletiva das crianças que participam do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Surgiu por iniciativa das crianças que participaram do Primeiro Encontro Estadual das Crianças Sem Terra do Estado de São Paulo, em 1996 (RAMOS, 1999).

Como educador infantil desde o ano de 2009 na Ciranda Infantil do pré-assentamento Elizabeth Teixeira pertencente ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), me propus a um esforço de reflexão sobre a prática coletiva de educação que o Coletivo Universidade Popular (UP) realizava junto ao pré-assentamento, na tentativa de responder alguns questionamentos suscitados pela experiência com os pequenos sujeitos daquele espaço educativo.

Esse novo lugar de educador-pesquisador, construído a partir da minha inserção no mestrado na Faculdade de Educação da Unicamp³ e, ao mesmo tempo, no curso de especialização em Educação do Campo e Agroecologia da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP) em parceria do MST, me recolocou questionamentos que surgiram nesses quase oito anos de atuação ali no pré-assentamento: que tipo de educação infantil se faz necessário na realidade da luta pela terra? Que pedagogia o MST tem pensado e praticado nos espaços educativos para as crianças Sem Terrinha? De que maneira faz sentido, hoje, a Educação Popular como prática pedagógica da educação infantil?

E, do mesmo modo, ao olhar para a infância Sem Terra e o lugar que ocupa a Ciranda Infantil dentro do MST, outros questionamentos foram levantados sobre as crianças que participam desse espaço: que infância vivem e compartilham? Como a estrutura da sociedade brasileira configura a experiência de infância das crianças Sem Terrinhas? De que maneira ela nos recoloca a necessidade de modificar nosso olhar para a infância? Que culturas infantis produzem e compartilham? Este artigo não tem pretensão de conseguir dar respostas a todas estas perguntas, mas elas foram essenciais para estabelecer o foco e caminhos da pesquisa realizada.

³ Mestrado realizado junto ao grupo de pesquisa GEPEDISC – Culturas Infantis que vem produzindo pesquisas sobre experiências de educação infantil com as classes populares, evidenciando a produção das culturas infantis e as experiências de infância das crianças que são atravessadas pelas questões de raça, etnia, gênero e classe social.

PERCORRENDO OS CAMINHOS DA PESQUISA

As crianças sempre foram as minhas interlocutoras da vida no pré-assentamento Elizabeth Teixeira. Antes de vestir-me do papel de pesquisador, eu sempre fui educador infantil ali. E, como educador, me fiz pesquisador. Porque assim somos. Não há modo de ser educador sem ser pesquisador, sem conhecer a realidade, sem estar no mundo disposto a refletir sobre ele e ao mesmo tempo modificá-lo. Educação é antes de tudo práxis, ação e reflexão, como processo coletivo. Eu e as crianças fomos assim descobrindo o mundo. Na relação *com* elas fui apreendendo a realidade em que viviam. E é dessa posição de educador-pesquisador que brotam as palavras deste trabalho.

A pesquisa teve como objeto de análise a prática educativa da Ciranda Infantil do pré-assentamento Elizabeth Teixeira⁴ localizado no município de Limeira, estado de São Paulo. Hoje vivem no pré-assentamento cerca de 60 crianças filhos e filhas das 100 famílias que compõem a comunidade.⁵

A Ciranda Infantil do pré-assentamento se constituiu como espaço educativo e de encontro das crianças da comunidade. Ali as educadoras e educadores do Coletivo Universidade Popular (UP)⁶ foram experienciando com as crianças a construção dessa prática educativa coletiva. O UP, desde que iniciara as atividades de educação junto ao MST, havia se dedicado à leitura, formação e estudos coletivos sobre Educação Popular. Contudo, a Educação Popular parecia não falar sobre as crianças e nos perguntávamos o porquê desse silêncio.

⁴ O nome do pré-assentamento foi escolhido em homenagem a Elizabeth Teixeira (1925-), mulher, militante e liderança da Liga Camponesa de Sapé, no estado da Paraíba.

⁵ Sobre o histórico da luta pela área e a constituição do pré-assentamento ver as dissertações de Rodrigo Taufic (2014) e Gabriela Furlan Carcaioli (2014).

⁶ A Universidade Popular foi um coletivo de extensão da Unicamp que realizava trabalhos na área da educação junto ao MST na região de Campinas, principalmente no pré-assentamento Elizabeth Teixeira. Para o histórico do coletivo e das atividades realizadas, ver livro “Na autonomia do povo, o poder popular: experiências com Educação Popular no acampamento Elizabeth Teixeira”, de organização do Coletivo Universidade Popular e lançado em abril de 2015.

Tem sido um esforço coletivo, teórico e prático, nesses últimos dez anos, a tentativa de construir o espaço da Ciranda Infantil a partir da proposta do MST, de maneira que se pudesse dialogar com as concepções da Educação Popular. Como práxis, a prática e a teoria foram se modificando, uma vez que a teoria não dava conta do trabalho com as crianças, de entendê-las em sua complexidade. Da mesma maneira, a prática evidenciava a necessidade de buscar outras teorias que pudessem abarcar o silêncio que a Educação Popular deixava.

Durante a pesquisa, entre o mestrado e a especialização, pude me dedicar a leituras que confirmaram o que a realidade me mostrava: as crianças como sujeitos da sociedade. Diante disso, busquei dialogar as teorias do campo da Sociologia da Infância, que colocam em evidência as crianças como protagonistas no mundo, com as reflexões e experiências da Educação Popular, que destacam o papel dos homens, mulheres e crianças como sujeitos da práxis educativa e sujeitos da história.

O mestrado e a especialização possibilitaram adensar as reflexões sobre a nossa prática de educação infantil. Analisei as condições materiais concretas que possibilitaram a construção da experiência da Ciranda Infantil no pré-assentamento, assim como refleti sobre o modo de funcionamento da prática educativa ali realizada, evidenciando a maneira como possibilitava às crianças serem sujeitos do seu processo de conhecer e transformar o mundo.

A partir disso, pude situar a nossa prática de educação infantil na história, como uma experiência de Educação Popular. Para isso foi necessário dedicar-me a leituras que me ajudassem a visualizar a trajetória histórica da Educação Popular brasileira, trazendo elementos para analisar a experiência da Ciranda Infantil do pré-assentamento Elizabeth Teixeira.

A trajetória traçada na dissertação partiu da escolha de olhar para a experiência histórica da Educação Popular no Brasil considerando alguns autores e autoras (BRANDÃO, 2002; FÁVERO, 1983; GHIRALDELLI, 1986; PALUDO, 2001) que demarcaram pelo menos três momentos específicos dentro da história brasileira nos quais surgiram propostas

de educação a partir dos interesses das classes populares⁷: as propostas alternativas de educação dos socialistas, anarquistas e comunistas na Primeira República; os movimentos de cultura popular na década de 1960 e a proposta pedagógica de Paulo Freire como expressão dessa época; e a educação dos movimentos sociais populares a partir dos anos 1980.

A atualidade da Educação Popular pode ser compreendida a partir de dois elementos: a sua trajetória histórica como concepção de educação vinculada à luta de classes ao lado dos interesses e projetos da classe trabalhadora; e como proposta dentro de como tem se expressado o antagonismo de classes no contexto atual da educação da sociedade brasileira. Nesse sentido, a experiência da Pedagogia do Movimento, que tomo como exemplo das propostas educativas pelos movimentos sociais populares a partir dos anos 1980 até hoje, retomam a trajetória da Educação Popular para pensar o contexto atual das mobilizações da luta pela terra no Brasil.

Esse olhar panorâmico me ajudou a constatar que a preocupação com as especificidades da educação das crianças não tivera centralidade nos debates da Educação Popular, assim como apareceram esporádica e marginalmente nas experiências abordadas. Ao ressaltar esse silêncio da Educação Popular perante à educação infantil, busquei olhar para a experiência concreta da Ciranda Infantil do pré-assentamento buscando elementos que me ajudasse a analisá-la diante desse diálogo entre a educação infantil e a Educação Popular.

Assim, este artigo parte das discussões realizadas em minha dissertação de mestrado (FREITAS, 2015a) e trabalho de especialização (FREITAS, 2015b) e tem como objetivo analisar a prática educativa com as crianças na Ciranda Infantil do pré-assentamento Elizabeth Teixeira a fim de evidenciar elementos que nos ajudam a caracterizá-la como uma experiência de Educação Infantil Popular. Dessa maneira, apresentamos a Ciranda Infantil como espaço de encontro do coletivo infantil e como

⁷ Não me atentarei neste texto a explicar cada um dos momentos da história da Educação Popular brasileira. Os autores e autora citados se dedicaram a esse trabalho, assim como na minha dissertação de mestrado dedico um capítulo para análise dessas propostas educativas tentando vinculá-las com a proposta da Ciranda Infantil do MST.

espaço de produção de culturas infantis, que tem reconhecido as crianças como sujeitos da história, produtoras de culturas infantis e protagonistas na luta pela terra.

MOVIMENTO SOCIAL COMO PRINCÍPIO PEDAGÓGICO

A Pedagogia do Movimento, sistematizada por Roseli Caldart (2012), coloca os movimentos sociais como espaço e princípio educativo de formação dos sujeitos sociais coletivos, ou seja, os sujeitos que fazem parte do Movimento Sem Terra, ao participarem de uma ocupação de terra, ao formarem os acampamentos, resistirem na terra para serem assentados, conquistarem a área ocupada, conquistarem escolas para os assentamentos, etc, participam de processos socioculturais intensos que marcam a trajetória desses sujeitos, e que são vistos, ao mesmo tempo, como processos educativos.

A formação dos sem-terra, pois, não se dá pela assimilação de discursos mas, fundamentalmente, pela vivência pessoal em ações de luta, cuja força educativa costuma ser proporcional ao grau de ruptura que estabelece com padrões anteriores de existência social desses trabalhadores e dessas trabalhadoras da terra, exatamente porque isso exige a elaboração de novas sínteses culturais (CALDART, 2012, p. 166).

A experiência da luta social marca profundamente os sujeitos, modificando seu jeito de ser, de se relacionar com as pessoas e de pensar o mundo. Possibilita às mulheres, crianças e homens a produção de utopias, de projetar futuros ao construir e recontar a história de uma nova maneira. Contudo, a luta não se luta sozinha, luta-se em coletividade e ao organizarem-se os sujeitos se educam e se transformam na coletividade em movimento. As práticas sociais coletivas vão criando e recriando relações sociais de nova ordem distintas daquelas anteriores da entrada dos sujeitos para a dinâmica da luta pela terra.

Essa experiência de participação em um movimento social como o MST produz *aprendizados coletivos* que, aos poucos, se conformam em *cultura*, naquele sentido de jeito de ser, de hábitos, de postura, de convicções, de valores, de expressões, de vida social produzida *em movimento* e que já extrapolam os limites desse grupo social específico. (CALDART, 2012, p. 166)

Cultura é entendida aqui como produção material de existência, como conjunto de práticas sociais e de experiências humanas que vão se constituindo como um modo de vida em que os sujeitos produzem o seu mundo e, ao produzi-lo, produzem a si mesmos. Ao produzirem a sua existência material, ou seja, as condições necessárias para a sua reprodução, produzem o mundo pelo seu trabalho, constituindo-o tanto materialmente como simbolicamente.

Essa relação coloca para os sujeitos que as coisas no mundo não nascem prontas, elas são construídas, produzidas, cultivadas. E é pelo trabalho, como princípio ontológico, que crianças, mulheres e homens trabalham a terra, produzem o mundo, transformam, assim, a realidade, transformando também a história. Dessa maneira, compreendem que cada ação, situação, luta, etc se insere dentro de um movimento complexo entre passado, presente e futuro, e que os sujeitos, o Movimento e as lutas fazem parte de uma história mais ampla.

Contudo, não podemos pensar que os sujeitos da luta pela terra são somente os adultos. A luta pela terra é a vivência de uma luta em família, em que as crianças estão incluídas e participam conjuntamente com mães e pais dos processos de ocupação, acampamento, resistência e conquista da terra. A luta vira cotidiano dessas famílias e também das crianças.

Neste sentido, a luta social na vida destas crianças passa a fazer parte do seu cotidiano. É a materialidade e a historicidade da luta da qual as crianças participam que educa, é o próprio movimento da luta concreta, em suas contradições, enfrentamentos, idas e vindas, conquistas e derrotas. (ROSSETTO, 2009, p. 79)

Ao tomarmos as crianças como participantes desses processos de luta, podemos pensar que infâncias as crianças Sem Terrinha experienciam nos diversos acampamentos e assentamentos rurais por todo o Brasil, analisando que características marcam a sua experiência de infância.

Para o sociólogo da infância Jens Qvortrup (2011) é necessário observar a relação entre a infância e as forças estruturais da sociedade, uma vez que a infância como categoria estrutural influencia e é influenciada por diversos fatores e categorias sociais. A economia, a política, as categorias como classe social, gênero, etnia, se relacionam com a categoria geracional da infância e essa relação configura as experiências de infância vividas pelas crianças em diversos lugares da sociedade.

Isso nos ajuda a pensar a infância Sem Terrinha em termos estruturais sendo determinada, ademais de outros fatores, pela posição periférica da economia brasileira no capitalismo mundial, que configura a questão agrária brasileira e o modo pelo qual as populações do campo vivem. Ao mesmo tempo que essa experiência de infância é configurada pela vivência dos processos de luta que participam fazendo parte de um movimento social como o MST.

As crianças do pré-assentamento Elizabeth Teixeira vivenciaram todo o processo de ocupação e resistência da área que marcam a experiência de infância que carregam. As crianças expressam sua experiência de infância do campo e sua cultura nas atividades da Ciranda Infantil. Como práticas culturais cotidianas, as crianças transformam a sua realidade em brincadeiras.

(...) Chegou o Cabecinha⁸ com um helicóptero de brinquedo preso em uma vara de pescar. Pronto, conversamos sobre o helicóptero, se eles já tinham visto e todos começaram a falar sobre o despejo, sobre o medo, que eles se machucaram, as crianças no barracão e logo começaram a brincar com

⁸ Os nomes das educadoras e educadores, adultos e das crianças em todos os relatos são fictícios. Os nomes das crianças são nomes escolhidos por elas de como gostariam de ser reconhecidas na pesquisa. Inventei nomes para aquelas crianças que já não vivem mais na comunidade. Educadoras, educadores, assentadas e assentados também escolheram os nomes fictícios para os relatos.

o helicóptero de brinquedo. Um segurava e o fazia voar, enquanto todos os outros tentavam escapar. Não podíamos encostar no brinquedo pois sairíamos da brincadeira. Quando as outras crianças chegaram, a brincadeira continuou e cresceu. Quem era atingido caía no chão e teria que ser resgatados pelos outros. A pessoa era carregada e levada para o “hospital”, onde fazíamos massagem cardíaca e coegas. (Relato de atividade da Ciranda Infantil, 30/07/2011)

O despejo é um fato marcante na história de qualquer acampamento no processo de luta pela terra. As assentadas e assentados do pré-assentamento Elizabeth Teixeira lembram-se e contam as cenas que vivenciaram naquele que foi considerado como um dos despejos mais violentos do estado de São Paulo.

As crianças também contam as lembranças que ficaram marcadas na memória: para segurança delas, no dia marcado para a reintegração de posse, as crianças foram colocadas em um barracão coletivo distante da área de confronto com a polícia, contudo, policiais e o helicóptero da polícia atacaram aquele barracão que começou a pegar fogo e as famílias tiveram que socorrer as crianças.

Meu irmão estava dentro do carrinho. Aí, minha mãe me chamou lá em cima, aí quase acertou uma bomba no carrinho do meu irmão. Ainda bem que minha mãe tirou meu irmão porque até jogou o carrinho do meu irmão. (Clara, 12 anos)

A bomba caiu debaixo do carrinho da mãe dela. O padraço dela foi lá, pegou o bebe e o carrinho voou pra cima. (Manoel, 12 anos)⁹

⁹ As falas de Clara e Manoel foram retiradas do curta-metragem *Entre Terras e Céus*, que acompanhou a história do pré-assentamento Elizabeth Teixeira a partir dos relatos das próprias acampadas e acampados. Fizem parte da produção do vídeo Raquel Minako e Andréa Bertelli, que na época eram estudantes de pedagogia e ciências sociais da Unicamp e educadoras infantis na Ciranda Infantil do pré-assentamento Elizabeth Teixeira. Acessar ao vídeo em: <https://www.youtube.com/watch?v=rQ8uAXV7U3o>

Não gosto nem de ouvir falar desse assunto. Não consigo.
Só de pensar meu corpo já treme todo. (Pedro, 9 anos)¹⁰

Esses relatos, trazidos tanto nas brincadeiras na Ciranda Infantil como nas falas da memória do despejo, mostram que as experiências pelas quais passaram as crianças ficaram marcadas na sua história e na leitura do mundo que elas fazem.

A Ciranda Infantil é esse espaço das crianças serem sujeitos do pré-assentamento. Como espaço educativo para as crianças Sem Terrinhas, cria-se um lugar de encontro do coletivo infantil dos acampamentos e assentamentos para as crianças poderem se reconhecer entre elas nas experiências que compartilham, de criarem identidade com a luta da qual fazem parte e onde elas tem a liberdade para vivenciar essa etapa da vida como crianças, brincando e expressando seu mundo através das culturas infantis.

Nos momentos educativos da Ciranda Infantil, são as crianças que nos revelam o cotidiano do que acontece no pré-assentamento. As educadoras e educadores do coletivo Universidade Popular foram aprendendo a usar esses elementos trazidos pelas crianças nas falas e brincadeiras como temas para as atividades na Ciranda Infantil.

Entendemos que as crianças são as nossas interlocutoras com a vida do assentamento e as informantes sobre os acontecimentos de lá. Elas trazem essa leitura do mundo delas, da realidade imediata, vivenciada, cheia de elementos que se pode utilizar nas atividades e brincadeiras. As crianças foram se tornando, para nós, os sujeitos daquele pré-assentamento, interpretando à sua maneira a realidade em que vivem.

Além disso, a Ciranda Infantil é um espaço de auto-organização das crianças, em que podem ao seu modo vivenciar momentos coletivos de decisão e organização das atividades, do espaço, do café da manhã, etc. As Sem Terrinhas do pré-assentamento Elizabeth Teixeira por muitas vezes utilizaram o momento da Ciranda para fazerem as suas assembleias

¹⁰ Esse depoimento de Pedro foi dado a mim em uma das atividades da Ciranda Infantil no final do ano de 2014.

infantis, debatendo as atividades que gostariam de fazer, como seria o cronograma de atividades do dia, etc.

Numa dessas assembleias decidiram realizar uma marcha das crianças em solidariedade à possibilidade de despejo de um assentamento vizinho. Em uma das atividades da Ciranda Infantil sobre o tema das crianças palestinas elas lembraram do despejo que vivenciaram e começaram a comentar sobre a luta das famílias em resistência ao possível despejo do assentamento Milton Santos, localizado no município de Americana - SP.

As crianças se sensibilizaram, demonstrando sentimento de indignação e inconformidade com a situação das crianças palestinas e com a possibilidade de despejo no assentamento Milton Santos.

(...) um dos primeiros valores que se cultiva na situação de acampamento é o da *solidariedade*, exatamente o valor que fundamenta a ética comunitária. Solidarizar-se com o outro não é, nessa circunstância, uma intenção, mas uma necessidade prática: (...) e o principal *argumento da necessidade* talvez seja o de que a vitória virá para todos, ou não virá para ninguém. Ou seja, a condição gera a necessidade de aprender a ser solidário e a olhar para a realidade desde a ótica do coletivo e não de cada indivíduo ou cada família isoladamente. (CALDART, 2012, p.182)

Lembrando da manifestação das crianças palestinas¹¹, as crianças do pré-assentamento propuseram construir uma manifestação em solidariedade às crianças e famílias do Assentamento Milton Santos. A partir das discussões entre as crianças decidiu-se como ato caminhar pelas ruas do pré-assentamento com cartazes, cantando uma música e tocando tambores. Planejaram toda a marcha e compuseram sozinhas a música/palavra de ordem que iam gritar durante a marcha.

¹¹ Manifestações das crianças palestinas soltando pipas, pedindo paz e o fim do massacre ao povo palestino na faixa de Gaza, ver em: <https://pimentacomlimao.wordpress.com/2010/08/01/a-esperanca-colore-o-ceu-de-gaza/>

A-a-a, Milton Santos vai ganhar!
E-e-e-, família Abdalla vai perder!
A-a-a, essa luta vai vingar!
I-i-i, Milton Santos vem aí!!! (Gravação do autor)

As crianças Sem Terrinha queriam divulgar o ato delas para mais pessoas se solidarizarem com a luta do Milton Santos. Assim, durante esse processo registramos em vídeo algumas conversas com as crianças e partes da marcha que fizemos. Como elas haviam planejado, posteriormente o vídeo¹² foi editado e divulgado na internet.

- Bruna, o que você está fazendo?
- Escrevendo “Milton Santos vai ganhar e família Abdala vai perder”.
- E porque você está escrevendo isso?
- Para ajudar lá...
- Para ajudar lá onde? No Milton Santos?
- Aham!
- E o que está acontecendo lá no Milton Santos?
- Despejo
- Porque é o despejo?
- Por causa da família Abdalla
- E o que a família Abdalla tem a ver com o Milton Santos?
- É porque a família Abdalla não pagava impostos e o governou pegou um pouco mais da terra que tinha que pegar, da terra deles. Agora eles querem a terra tudo de volta.
- E você acha que isso é certo?
- É tudo errado, por causa de que uma pessoa tem que ficar com um bocado de terra e as outras tem que ficar sem nada.
- E daí que vocês vão fazer aqui hoje?
- Tipo um mutirão para ajudar lá.
- E o que você está fazendo agora?
- Fazendo cartaz pra gente andar.

¹² O vídeo “Manifestação de apoio ao assentamento Milton Santos, Sem Terrinhas do Elizabeth Teixeira” está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ciAZzr0DQvk&feature=youtu.be>.

- E aquelas latas que o pessoal trouxe?
 - Para batucar...fazer batuque
- (ACAMPAMENTO ELIZABETH TEIXEIRA, 2015)

Terminado o processo de confecção dos cartazes e latas para a batucada, saímos andando pelas ruas de terra do assentamento carregando as faixas com os dizeres: “Milton Santos vai ganhar”. Queriam chamar a atenção das famílias assentadas do pré-assentamento Elizabeth Teixeira.

(...) mas na verdade são episódios como este que nos permitem pensar em detalhes decisivos na conformação de um jeito de ser humano, *o ser humano que sabe contestar*. O sentimento de indignação contra as injustiças é condição para a postura de contestação social. E para indignar-se é preciso percebê-las como tal. Parafraseando Thompson: *que as crianças sem-terra sintam essas injustiças – e as sintam apaixonadamente – é, em si, um fato suficientemente importante para merecer nossa atenção*. (CALDART, 2012, p. 343, grifos no original)

As crianças, ao utilizarem o espaço da Ciranda Infantil para se solidarizarem com outras crianças e famílias do assentamento vizinho, tiveram liberdade de criar coletivamente, à sua maneira, como queriam manifestar a injustiça que sentiam em relação àquela situação que elas próprias também já haviam vivenciado. Conversando, brincando, sendo crianças, organizaram política e esteticamente a marcha das crianças do pré-assentamento Elizabeth Teixeira.

A vivência de novas relações e novos modos de organizar a vida proporcionadas pela experiência que as crianças compartilham com pais e mães dentro do Movimento Sem Terra, são por elas captadas e utilizados ao seu modo, para seus interesses e como elas próprias conseguem se organizar e compreender o mundo.

Essa parece ser a potencialidade de uma prática educativa com as crianças inserida em um movimento social organizado, uma vez que as atividades, aprendizados, brincadeiras, partem da realidade imediata

delas, onde as próprias crianças leem seu mundo e falam sobre ele, reinventando-o e redescobrimdo-o nas brincadeiras, numa tentativa de reelaborar coletivamente as suas experiências de infância, criando uma identidade coletiva com o processo de luta em que vivem e um respeito pela história de resistência que constroem.

A Ciranda Infantil, ao estar vinculada ao cotidiano do pré-assentamento, possibilita um espaço educativo como extensão da vida e, por isso, preocupado com a liberdade das crianças de brincar, de produzir culturas infantis no compartilhamento dessa cultura do cotidiano e como experiência histórica que as constitui – como sujeitos da história, protagonistas da luta pela terra e da transformação do mundo.

CIRANDA INFANTIL COMO ESPAÇO DE ENCONTRO DO COLETIVO INFANTIL

Assim como ocorre no pré-assentamento Elizabeth Teixeira, na trajetória histórica de constituição do Movimento, as crianças foram se fazendo presentes, modificando o olhar do próprio MST em relação a elas e ocupando seus lugares dentro do Movimento.

Nesse percurso passaram de *testemunhas da luta*, para *crianças acampadas* ou *crianças assentadas*; e, por fim, ao mostrarem as suas necessidades e suas demandas modificaram a percepção do Movimento e vêm conquistando seu lugar como protagonistas e *sujeitos* da luta pela terra (CALDART, 2012). Fora necessário muito choro, birra, gritos, brincadeiras e mobilizações infantis, para que o MST as enxergassem como sujeitos e protagonistas da luta pela terra.

Ao participar da luta pela terra junto com seus pais, as crianças do MST passam a ser sujeitos construtores de um processo transformador, a ter ideais, projetos de futuro, perspectivas de vida, tendo como referência a coletividade. A criança Sem Terra, no MST, passou a ser considerada um ser social que integra a totalidade de um projeto em construção. (ROSSETTO, 2009, p. 39)

Se as crianças conquistaram dentro do MST seu espaço, isso é fruto do protagonismo das próprias crianças, junto a suas mães, pais e educadoras e educadores. Nesses trinta e quatro anos de história do MST, pouco a pouco, as crianças foram conquistando seu lugar a partir das suas necessidades, reivindicações e sonhos. As escolas dos assentamentos, as escolas itinerantes e as Cirandas Infantis são conquistas das próprias crianças, que fizeram suas vozes valerem, fazendo o Movimento repensar quem eram essas crianças dentro da própria organização.

As crianças sempre estiveram presentes na luta pela terra. A presença delas nos acampamentos e assentamentos impõe ao Movimento que dê respostas às necessidades dos sujeitos envolvidos. No caso das crianças, o cuidado, alimentação e educação são necessidades básicas com as quais tiveram que lidar desde o início do MST.

A luta pela terra é uma luta em família, e a presença das crianças cria novas necessidades para a organização do movimento. Assim, o espaço e a vivência no acampamento passam, obrigatoriamente, a envolver não somente adultos, mas, necessariamente, novos sujeitos: as crianças. Todo esse processo vai materializando a preocupação do Movimento e do Setor de Educação com esses novos sujeitos, que não são passivos, muito pelo contrário, aprendem a mobilizar-se e a indignar-se com o sofrimento e a luta de seus pais e passam, também, a incorporá-la; certamente que não na mesma dimensão que os adultos. (ALVES *apud* ROSSETTO, 2009, p. 81)

Edna Rossetto (2009), em sua dissertação de mestrado, conta a trajetória da preocupação do MST pelas crianças. A autora nos mostra como, no processo de construção do próprio Movimento, vai se gestando a proposta de educação do MST que inclui também uma proposta de educação para as crianças.

A educação entrou na agenda do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) pela infância. Antes

mesmo da sua fundação, ocorrida em 1984, as famílias Sem Terra, acampadas na Encruzilhada Natalino, Rio Grande do Sul (1981), perceberam a educação da infância como uma questão, um desafio. (KOLLING, VARGAS e CALDART, 2013, p. 500)

Isabela Camini (2013) destaca que as primeiras experiências de espaço de educação infantil no MST foram as experiências de creche organizadas no estado do Ceará no início da luta pela terra naquela região. Somada a essas primeiras experiências, Rossetto trabalha com a hipótese de que a criação do espaço educativo da Ciranda Infantil passa também pela participação das mulheres nas instâncias do MST. Destaca que, a partir da participação feminina nos processos produtivos nas Cooperativas de Produção Agropecuárias (CPAs) evidencia-se a necessidade de um espaço para que as crianças pudessem ficar enquanto as mulheres trabalhavam.

Esta experiência leva o Movimento a discutir a participação da mulher no trabalho e na organização. Assim, as mulheres Sem Terra começam a se organizar e discutir a sua participação na luta pela terra no MST (...) podemos ressaltar que ela possibilitou às mulheres e crianças saírem do seu espaço privado, ou seja, sair de casa, e conquistar seu espaço público no MST. (ROSSETTO, 2009, p. 88)

A condição da criança como sujeito vai se conformando junto com conquistas das mulheres como sujeito do Movimento. A participação das mulheres nos processos produtivos, nas outras instâncias e espaços internos do Movimento e em todo o processo da luta pela terra, levou o Movimento a pensar um espaço educativo para as crianças.

Em meio a todo esse processo, emergem as crianças sem-terra, enquanto sujeitos que constroem sua participação histórica na luta pela terra e que desenvolvem e assumem o sentido de pertença a esta luta, enquanto crianças do campo. Isto veio a revelar que as Cirandas Infantis,

enquanto experiências de educação não formal apresentam elementos significativos, da realidade do campo, que podem contribuir a se pensar questões como: a des-re-construção da noção de criança do campo; a relação entre educação, política e construção de sujeitos históricos; políticas públicas de Educação Infantil do Campo numa perspectiva emancipatória. (ROSSETTO, 2009, p. 181)

Se no início a Ciranda Infantil era vista como um espaço para cuidar dos filhos e filhas das militantes, uma vez que o cuidado com as crianças é um trabalho socialmente atribuído às mulheres, hoje é um espaço pensado para o coletivo de crianças do MST e para a participação das crianças na luta pela terra, a partir da realidade que vivenciam no cotidiano do movimento social.

Diante disso, faz sentido pensar a inserção das crianças na dinâmica do MST, importando “compreender como uma criança constrói sua identidade participando de uma *coletividade em movimento*, e ajudando a produzir novas relações sociais e novas formas de conceber a vida no campo, certamente trará novos elementos para discutir a infância e seus espaços de educação” (CALDART, 2012, p. 312, grifo no original).

A Ciranda Infantil se conformou como esse espaço para as crianças, onde elas possam se reunir, estar entre elas, correndo, pintando, chorando, gritando, pulando, brincando. Lugar, espaço e tempo para que as crianças possam se reconhecer como sujeitos e protagonistas da mesma luta que partilham, reelaborando as suas experiências e entendimentos do mundo coletivamente, e vivenciado novas relações sociais e formas de organizar a vida em sociedade. Nesse sentido, o MST define a Ciranda Infantil como:

Um espaço educativo organizado, com objetivo de trabalhar as várias dimensões de ser criança Sem Terrinha, como sujeito de direitos, com valores, imaginação, fantasia, vinculando as vivências do cotidiano, as relações de gênero, a cooperação, a criticidade, e a autonomia (...). São momentos e espaços educativos intencionalmente planejados, nos quais as crianças receberão atenção especial, cuidado e aprenderão,

em movimento, a ocupar o seu lugar na organização de que fazem parte. É muito mais que espaços físicos, são espaços de trocas, aprendizados e vivências de novas relações. (MST, 2004, p.25)

Assim, os movimentos de luta pela terra, e nesse caso o MST, ao enfrentar um contexto mais amplo no qual se insere a questão agrária brasileira, abrem a possibilidade para pensar um novo tipo de infância, no qual há a modificação do olhar sobre as crianças e a criação de novos espaços de esperança para a vivência da infância do campo.

Esse é o caso do pré-assentamento Elizabeth Teixeira, onde, mesmo com as precárias condições materiais do pré-assentamento e das famílias e a incerteza de continuarem na terra ocupada, a Ciranda Infantil foi se tornando um dos poucos espaços de encontro do coletivo infantil do assentamento, garantindo que as crianças possam vivenciar a infância com mais plenitude.

Espaço e tempo pensado intencionalmente para o encontro das crianças do pré-assentamento, como lugar em que a maioria das crianças podem se encontrar, brincar, compartilhar as novidades, conversar, brigar, discutir, aprender, criar e se divertir.

O espaço da vida do pré-assentamento se confunde com o espaço educativo da Ciranda Infantil. Esta simbiose entre educação e vida faz com que a existência da Ciranda Infantil no pré-assentamento possibilite que as crianças possam reelaborar as suas experiências de ser crianças no assentamento, dentro de uma história de luta compartilhada e das condições concretas vividas ali. Espaço onde as experiências individuais vão se tornando coletivas a medida em que as crianças vão compreendendo seu lugar no mundo e sua condição de classe e de pertença a um movimento social organizado que luta por transformações sociais.

Observei durante a pesquisa os momentos coletivos das atividades da Ciranda Infantil em que as crianças constroem relação entre elas e com os adultos educadoras e educadores. Momentos em que eu, como educador e pesquisador, pude durante quase oito anos conviver com as crianças, acompanhar seu crescimento e compartilhar com elas uma vivência coletiva.

Como espaço de encontro do coletivo infantil do pré-assentamento, a Ciranda Infantil favorece que as crianças criem e partilhem suas infâncias e as culturas infantis produzidas. Como espaço de educação, toma as crianças como centro do processo educativo, partindo do mundo delas e as considerando sujeitos, capazes de fazer a leitura do seu mundo, pensar e falar sobre ele.

Na construção cotidiana da relação entre crianças e educadoras e educadores na Ciranda Infantil, pude observar como as crianças colocam em movimento a cultura que partilham com os adultos, interpretando-a a partir dos seus interesses e necessidades. Entendi que o espaço da Ciranda Infantil possibilita, assim, a produção de culturas infantis (FERNANDES, 2004) constituída por elementos culturais das próprias crianças produzidos nas relações entre elas a partir dos jogos, brincadeiras e vivência coletiva, onde “transformam as informações do mundo adulto a fim de responder as preocupações de seu mundo” (CORSARO, 2011, p. 53).

Como exemplo de produção dessas culturas infantis entre as crianças do pré-assentamento, trago o relato de um momento de uma das atividades da Ciranda Infantil, em que as crianças recriaram no monte de areia a kombi¹³ que era utilizada pelas educadoras e educadores como transporte para buscá-las em suas casas para participarem das atividades da Ciranda.

Quando chegamos perto da escolinha, o Pedro, o Guilherme e o Eric notaram um monte de areia com um buraco no meio e logo enxergaram um carro! Se meteram no buraco e imaginaram dirigir. Os outros foram se interessando e querendo participar, daí precisou fazer um banco de passageiro. Mais gente chegava junto, fizeram mais bancos com as tábuas que tinham por perto da escolinha. Pegaram mais tecos de madeira para poder fazer o acelerador, o freio e a embreagem do motorista. O Guilherme foi para

¹³ Em 2011 o coletivo do UP adquiriu uma kombi para realizar os transportes até o pré-assentamento. Isso facilitava tanto o transporte dos estudantes até a área, como transporte de alimentos produzidos pelas assentadas e assentados para a venda em pontos específicos (feiras e ponto de venda na Unicamp), assim como das crianças para a Ciranda Infantil.

um canto fazer bolinhos de areia, para matarmos a fome no meio da viagem. O Brian fez uns bolinhos também. O que era carro virou kombi. A kombi ficou linda, coube todo mundo dentro dela e teve bolinho para todo mundo também!
(Relato de atividade da Ciranda Infantil, 09/03/2013)

As meninas e meninos do pré-assentamento vivenciaram os processos de ocupação, despejo, reocupação e resistência na área. Foram *testemunhas e sujeitos* desse processo. Suas leituras da realidade trazem tanto essa trajetória vivida e ouvida, como as experiências cotidianas que compõem a dinâmica do pré-assentamento.

As atividades educativas na Ciranda Infantil partem dessa leitura do mundo das crianças sobre a realidade em que vivem, que se tornam temáticas a serem trabalhadas pelas crianças, educadoras e educadores na relação da educação com a vida, criando, assim, um espaço educativo com ampla liberdade das crianças interpretarem e problematizarem suas culturas infantis, dando sentido aos seus lugares no mundo.

Culturas infantis tratada no plural, pois a infância vivenciada pelas crianças é marcada por suas identidades de gênero, etnia, classe, etc. Cada grupo de criança vivencia de maneira específica a sua infância, configurada por diversos fatores estruturais e conjunturais que, também, marcam as culturas infantis por elas partilhadas.

A simples condição de existir um espaço autônomo em que as regras, valores, métodos, formas, conteúdos, brincadeiras são decididas pelos sujeitos que o constroem, mostra as possibilidades de construção de novas relações educativas no interior da Ciranda Infantil. A partir disso, a entendo como espaço de encontro do coletivo de crianças e como *espaço de produção de culturas infantis*.

CRIANÇAS COMO PEQUENOS SUJEITOS

Na introdução deste artigo, pontuei a maneira pela qual a realidade vivida nas práticas educativas com as crianças me suscitou algumas perguntas que me levaram a buscar teorias que as pudessem responder. Esse movimento de abstração da realidade imediata ajudou-me a complexificar

minha compreensão sobre as crianças e me auxiliou a repensar e modificar o olhar e a prática educativa realizada com as crianças.

As crianças se mostraram muito mais complexas que as teorias do desenvolvimento individual e psicológico as caracterizam. As crianças concretas do pré-assentamento eram diferentes daquelas “abstratas” dos livros. As próprias crianças modificaram o meu olhar de educador-pesquisador e me fizeram repensá-las de outra maneira.

Busquei algumas leituras do campo da Sociologia da Infância para compreender as crianças a partir de um ponto de vista modificado por elas e que me deu suporte para afirmar aquilo que observava: as crianças como sujeitos no mundo. As teorias desse campo de estudo abordam as crianças nas suas relações sociais entre as crianças, em coletivo, com adultos e com o mundo, ou seja, criticam o olhar para a criança individual e as focalizam socialmente, como atores sociais produtores de culturas infantis.

É o substrato social, como afirma Marcel Mauss (2010), que determina as crianças como elas vão ser, se organizar, se desenvolver. A inversão dos binóculos, do individual para o social, uma das marcas do campo da Sociologia da Infância, sugere que olhemos as crianças sem individualizá-las, na tentativa de abarcar um campo maior para explicação dos fenômenos da infância.

Enxergar as crianças como partícipes da sociedade e sujeitos no mundo é o movimento que a Sociologia da Infância vem tratando de configurar em suas análises no campo das ciências sociais, reconhecendo a infância como grupo social:

formada por sujeitos ativos e competentes, com características diferentes dos adultos. As crianças pertencem a diferentes classes sociais, ao gênero masculino e feminino, a um espaço geográfico onde residem, à cultura de origem e a uma etnia, em outras palavras, são crianças concretas e contextualizadas, são membros da sociedade; atuam nas famílias, nas escolas, nas creches e em outros espaços, fazem parte do mundo, o incorporam e, ao mesmo tempo, o influenciam e criam significados a partir dele. (NASCIMENTOS, 2011, p. 41)

Na história, o “sentimento de infância”, segundo Ariès (1981), nasce juntamente com a constituição do capitalismo e tem como centro de interesse e preocupação a criança burguesa. Entretanto, na literatura a criança será reconhecida como ator social integrante e partícipe da sociedade em estudos mais recentes, quando se inicia a conformação do campo Sociologia da Infância (SIROTA, 2001; MONTANDON, 2001; PROUT, 2010; QUINTEIRO, 2002).

Ainda que em sua origem, o sentimento de infância diferencie as crianças das classes burguesas e trabalhadoras, os estudos sociológicos tendem a igualar na opressão que sofrem na relação com o adulto ou com o mundo adulto: o *adultocentrismo* (ROSEMBERG, 1976) constitui essa opressão do mundo adulto sobre as crianças em geral, de ambas as classes. A racionalidade adultocêntrica se materializa nas relações sociais entre adultos e crianças e identifica-se como uma concepção de mundo centrada no adulto, que se desdobra na negação às crianças da condição de sujeito do e no seu tempo na sociedade, de protagonistas do seu processo de conhecimento no mundo e produtoras de culturas infantis.

Tornar visível essas contradições que conformam a racionalidade de nossa sociedade abrem possibilidades para pensarmos o mundo de outra maneira, a partir de outro ponto de vista, de uma outra e nova relação com as crianças. As teorias da infância mostram para nós, adultos, que não é a teoria que faz das crianças protagonistas no seu tempo, produtoras de cultura, sujeitos do Movimento, mas, antes, as crianças *já são* tudo isso. E nós, como educadoras e educadores, pesquisadoras e pesquisadores devemos garantir que as crianças se expressem nas suas diversas linguagens, nos seus desejos, nas suas artes, nos seus modos de ser e conhecer o mundo brincando.

Ainda que podemos destacar um silêncio contextual da Educação Popular diante da prática educativa com as crianças, é ela que tem tentado construir o entendimento e a prática dos indivíduos como sujeitos no mundo. A Educação Popular retoma a ideia da cultura como práxis e enfatiza a dinâmica na qual os sujeitos ao agirem no mundo o transformam, ao mesmo tempo que transformam a si próprios. Na relação dos homens, mulheres e crianças com o mundo, através da práxis, se formam como

sujeitos que ao transformarem o mundo também se transforma a si mesmos. Dessa maneira, a Educação Popular nos ajuda também a pensar nas crianças como sujeitos, que vivenciam experiências de fazer a história e produzir as culturas infantis a partir da sua racionalidade e maneiras de seu no mundo.

Fui ao longo do trabalho educativo e de pesquisa com as crianças modificando o meu olhar adultocêntrico entendendo-as como sujeitos da história e produtoras de culturas infantis. Tenho tentado trabalhar, dessa forma, o meu olhar “criançocêntrico” como par oposto-dialético do adultocentrismo, ou seja, o esforço de enxergar a criança no seu tempo de vida, levar em consideração as suas lógicas e racionalidades no mundo, as suas diferentes linguagens (MALAGUZZI, 1999, p.1), especificidades, etc.

A prática “criançocêntrica” seria uma prática educativa que leva em conta a criança no presente, tentando garantir que possa viver a infância na sua plenitude, nas suas descobertas do mundo a partir do seu modo de ser criança, brincando. As educadoras e educadores do coletivo Universidade Popular enfrentaram esse desafio de tentar criar uma prática educativa que reconheça as crianças como sujeitos e produtoras de culturas infantis.

Nesse sentido, apresento uma situação que surgiu durante uma das atividades da Ciranda Infantil em que as crianças Sem Terrinha se interpuseram como *pequenos sujeitos* da história ocupando um barraco abandonado do pré-assentamento. Tal fato explicita o modo como as crianças colocam suas culturas infantis em movimento, mobilizando os diversos elementos que apresentamos neste artigo até aqui.

As crianças do pré-assentamento ainda hoje não conseguiram um espaço físico só delas, ou seja, a Ciranda Infantil acontece na área social da comunidade, no barracão, embaixo de uma árvore ou no lote de alguma assentada ou assentado. As crianças foram apresentando a vontade de terem um espaço delas e em uma das atividades da Ciranda Infantil elas próprias ocuparam um barraco abandonado do pré-assentamento e organizaram coletivamente uma escola das crianças, a *Escola Roba Cena*.

- A gente não queria fazer nada daquilo, de música e apresentação. Só queria fazer o grupo do *Roba Cena*. - disse Cirilo.

- O que vocês propuseram é só besteira. - completou Dora.

- Sim, sim! Vocês estão certos. Eu que propus tudo aquilo. Vi que vocês estavam formando um grupo de vocês e achei que seria legal as outras crianças também terem um grupo delas.

- Não! Era só para ter o *Roba Cena!* E a gente queria se reunir nessa casa aí embaixo.

Nessa hora senti no chão e fiquei ouvindo.

- A gente queria só o nosso grupo e queria ficar ali na casa do André [um assentado]. Ali na casa é pra ser o lugar do *Roba Cena!*

- Porque a casa do André?

- O André não está mais morando aqui. E ele deixou eu e o Mario brincar na casa dele. - disse Cirilo.

- Isso é verdade ou você estão me enganando só pra poderem brincar ali.

- É verdade! A gente até já brincou aqui, não é Dora? - completou Cirilo.

Logo chegou a Martina (educadora) com a cartolina e giz de cera para fazer a bandeira. Falei para eles da ideia de fazerem uma bandeira para o grupo. Não toparam. Percebi que eles iam para a casa do André, eu querendo ou não. Então topei a ideia e propus outra – falei para eles que já estava na hora do café, que podíamos então combinar o café lá na casa. Que o *Roba Cena* convidasse o pessoal do *Grito* para tomar café lá (...) e faríamos a apresentação das bandeiras. Muitos sorrisos apareceram. (Relato de atividade da Ciranda Infantil, 20/11/2013)

Ao colocarem a vontade de ocupar a casa abandonada de um assentado colocaram em movimento a cultura vivenciada como Sem Terrinha pertencentes a um movimento social. Explicitaram o conflito

de interesses que havia entre o que as crianças queriam fazer de forma mais livre e o proposto/imposto pelos adultos, educadoras e educadores. Resistiram. Além disso, a proposta de ocupação do barraco de madeira abandonado era também a expressão da experiência de luta e resistência daquelas crianças, junto com suas mães e pais, no pré-assentamento.

Chegamos lá e a casa estava toda abandonada. Tinham alguns objetos largados, sofá e cama desarrumados, um latão cheio de sapatos na frente. Entramos e eles logo começaram a arrumar e a dividir tarefas.

- Quero conversar com os representantes do *Roba Cena!* - eu disse. Vou chamar o grupo *Grito* para virem aqui para a casa. O que acham de arrumar o espaço enquanto vou até lá em cima?

- Pode ser...

- Vamos descer de kombi com todas as crianças e com as coisas para o café.

- Tá bom, mas antes de entrarem a gente vai ter que explicar as regras aqui da casa para o outro grupo, né?! - disse Dora.

- Aí vocês esperam a gente lá fora, explicam as regras antes de todo mundo entrar.

Voltei ao barracão e fiz o convite ao grupo *Grito*. Todos toparam e fomos para a Kombi. Descemos lá na frente da casa ocupada. Já estavam nos esperando fora. Foram nos receber na kombi.

- Você todos têm que ficar aqui fora da casa por enquanto para que a gente arrume o café lá dentro. Podem ficar aqui na varanda.

Pegaram as comidas do café. Alguns entraram e pediram para esperar. Ali na varanda tinham pendurado a bandeira do MST. Tinha escrito também na parede “Pedir Licença” - era uma primeira regra! Ficamos esperando do lado de fora. Logo deram a permissão para entrarmos. Estava tudo organizado, limpo. Cama arrumada, as crianças arrumaram os objetos espalhados em um canto, protegendo-os. As

louças estavam limpas. Pegaram os panos da ciranda e colocaram no chão para servir o café. Pediram para que sentássemos lá. Eles dividiram os sucos nos copos, lavaram as uvas, cortaram as maçãs, colocaram nos potes. Na parede da sala mais duas regras rabiscadas - “Não Bagunçar” e “Não Brigar”. Dividiram o café para todo mundo. Haviam pendurada a bandeira do *Roba Cena*, ali no espaço do café, onde se podia ler “ESCOLA ROBA CENA”.

Após o café as crianças recolheram copos, sujeira, lixo e limpavam tudo. Ficamos o resto do tempo ali dentro da casa, conversando, brincando. Algumas crianças foram comer acerola do pé que tinha logo na entrada do barraco. Foi passando o tempo e nós educadoras e educadores tínhamos que ir embora. (...) Fomos embora e eles ficaram (não sabemos o que mais se passou...). (Relato de atividade da Ciranda Infantil, 20/11/2013)

As crianças resolveram ocupar um barraco abandonado e fizeram daquele espaço um lugar vivo e útil para eles. Elas concretamente *ocuparam a escola*. Roubaram a cena. Esse ato das crianças foi para mim a síntese de sete anos de atividades da Ciranda Infantil, de tentativas de construção de novas relações; de auto-organização das crianças com suas próprias regras; de espaço de convívio do coletivo infantil; e da vivência das crianças dentro de um assentamento, com perspectiva de luta, de resistência, de ocupação que, naquela brincadeira, se realizaram, colocando em movimento os conhecimentos e a cultura delas.

Precisamos entender que as crianças têm iniciativas, têm opiniões, e que, muitas vezes, ao questionarem os adultos em suas atitudes, impulsionam mudanças. Se observarmos atentamente e dermos espaço é possível vermos na auto-organização das crianças em suas atividades e na relação com os adultos a criação de coisas novas e autênticas. (MST, 2011, p. 25)

Esse ato de ocupação das crianças mostrou para nós, educadoras e educadores da Ciranda, como as crianças são sujeitos da sua própria história.

A partir da sua forma de ser crianças no mundo, a brincadeira, produzem culturas infantis e explicitam o seu pertencimento a um movimento social, a uma classe social. Como protagonistas do Movimento, apresentam as suas demandas e colocam em movimento suas inconformidades, lutando pelos seus direitos e suas demandas específicas.

As experiências das crianças Sem Terra, como sujeitos sociais que elas também já são desse Movimento, não podem ser vistas apenas como formação de futuros militantes da organização. Isso seria redutor e mesmo pedagogicamente ineficaz. A grande potencialidade educativa da participação das crianças no Movimento está na densidade maior que permite à sua vivência da infância, exatamente porque mais parecida com a totalidade das dimensões que constituem a vida humana. (CALDART, 2012, p. 389)

ELEMENTOS PARA UMA EDUCAÇÃO INFANTIL POPULAR

Este artigo é um esforço teórico de captar alguns elementos da prática de educação com as crianças na Ciranda Infantil do pré-assentamento Elizabeth Teixeira que nos ajudam a caracterizá-la como uma Educação Infantil Popular. Para isso apresentei algumas situações e relatos que surgiram nas atividades da Ciranda Infantil em que as crianças Sem Terrinha se interpuseram como pequenos *sujeitos da história*.

Esses pequenos sujeitos, ao se organizarem para uma marcha em solidariedade ao despejo de um assentamento vizinho ou ao resolverem ocupar um barraco abandonado e criarem ali a sua escola, mobilizaram toda a trajetória histórica do Movimento Sem Terra, assim como as suas próprias trajetórias de experiência das lutas, ocupações e resistências que já presenciaram e participaram.

Colocaram em movimento a história e cultura da qual fazem parte e a qual também são produtoras, produzindo suas culturas infantis, reproduzindo e reinterpretando livremente por meio das brincadeiras a “forma marcha” e “forma ocupação”, formas de manifestação utilizadas

pelos adultos Sem Terra, a partir das possibilidades, necessidades e interesses das crianças Sem Terrinha. A Ciranda Infantil como espaço livre de encontro do coletivo infantil e *espaço de produção das culturas infantis*, possibilitou às crianças se expressarem a sua maneira.

Pelas culturas infantis as crianças vinculam o passado ao presente, como produtos e produtoras de cultura e, assim, pequenos sujeitos da história. Inseridas num contexto específico, fazendo parte de um movimento que visa um outro projeto de sociedade, produzem no presente as possibilidades de construção de uma nova sociedade.

Nessa perspectiva, considero que a educação infantil proposta e praticada na Ciranda Infantil se insere na trajetória histórica da Educação Popular, como proposta educativa associada à luta de um movimento social da classe trabalhadora do campo com vistas à mudança da sociedade. Apontando os indivíduos como sujeitos da história, a Ciranda Infantil tem na práxis a centralidade da prática educativa, como ação e reflexão dos processos de superação da situação de exploração, dominação e opressão em que as classes populares estão submetidas.

Ao mesmo tempo, a partir da minha experiência compreendo que os novos elementos que as crianças Sem Terrinha colocam, como sujeitos e protagonistas do Movimento, ao construírem o seu lugar participando dessa *coletividade em movimento* (CALDART, 2012), modificam as experiências passadas de Educação Popular e criam a necessidade de reinventarmos nosso olhar diante desses novos sujeitos.

A Ciranda Infantil do pré-assentamento Elizabeth Teixeira se insere, a partir da Pedagogia do Movimento, na trajetória histórica da Educação Popular a transformando partir do seu contexto e dos seus sujeitos específicos da prática educativa – as crianças Sem Terrinha, somando também elementos da Sociologia da Infância.

A relação entre esses olhares conforma a particularidade da experiência educativa com as crianças do pré-assentamento e propicia um espaço educativo que enxerga as crianças no seu tempo, como protagonistas e sujeitos no mundo, possibilitando um espaço de liberdade para as crianças Sem Terrinha expressarem suas injustiças, suas resistências, produzirem culturas infantis nas suas práticas culturais cotidianas.

A minha experiência como educador-pesquisador, então, atuando e observando a Ciranda Infantil do pré-assentamento Elizabeth Teixeira suscitou elementos que me ajudaram a caracterizar essa experiência como uma experiência de Educação Infantil Popular. Além disso, entendo que a preocupação com as crianças nesses trinta e quatro anos de história do MST criou possibilidades para a vivência da infância no campo, apontando um novo lugar para a infância Sem Terra dentro da construção de um novo projeto de sociedade. As crianças têm lugar e voz, brincam e são consideradas sujeitos da sociedade uma vez que o Movimento se propõe a olhar para as crianças também como protagonistas da luta pela terra.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACAMPAMENTO ELIZABETH TEIXEIRA. *Manifestação de apoio ao Assentamento Milton Santos, Sem Terrinhas do Elizabeth Teixeira*. Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=ciAZzr0DQvk&feature=youtu.be>. Acesso em: 05/02/2015
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A educação popular na escola cidadã*. Editora Vozes, 2002.
- CALDART, Roseli Salete. *Pedagogia do Movimento Sem Terra*. São Paulo: Expressão Popular, 2012.
- CAMINI, Isabela. A infância no MST – Desafio atual. In: *Anais do I Seminário Regional de Educação do Campo*, Eixo 11, Santa Maria-RS, Outubro, 2013. Disponível em: <http://coral.ufsm.br/sifedocregional/images/Anais/Eixo%2011/Isabela%20Camini.pdf>. Consultado em: 30/07/2015.
- CORSARO, Willian A. *Sociologia da Infância*. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- FÁVERO, Osmar. *Cultura popular e educação popular: memória dos anos 60*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.
- FERNANDES, Florestan. *Folclore e Mudança Social na cidade de São Paulo*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- FREITAS, Fábio Accardo de. *Educação Infantil Popular: possibilidades a partir da Ciranda Infantil do MST*. Dissertação (mestrado), Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. Campinas, SP: [s.n.], 2015a.
- FREITAS, Fábio Accardo de. De pé no chão também se brinca: Educação Infantil Popular a partir da Ciranda Infantil do MST. Especialização, Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação, São Paulo, SP: [s.n.], 2015b.
- GHIRALDELLI JR, Paulo. Movimento operário e educação popular na Primeira República. In: *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, n. 57, maio, p. 30-38, 1986.
- KOLLING, Edgar Jorge; VARGAS, Maria Cristina; CALDART, Roseli Salete. MST e Educação. In: *Dicionário da Educação do Campo*. Caldart, Roseli S.; Pereira, Isabel B.; Alentejano, Paulo; Frigotto, Gaudêncio (orgs.). Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, p. 500-507, 2013.
- MALAGUZZI, Loris. Ao contrário, as cem existem. In: EDWARDS, Carolyn et al. *As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância*. Porto Alegre: ArtMed, p. 1, 1999.
- MAUSS, Marcel. Três observações sobre a sociologia da infância. *Proposições*, Campinas, v. 21, n. 3 (63), set./dez., p. 237-244, 2010.
- MONTANDON, Cléopâtre. Sociologia da infância: balanço dos trabalhos em língua inglesa. *Cadernos de pesquisa*, São Paulo, v. 112, p. 33-61, 2001.
- MST. Educação Infantil: Movimento da vida, Dança do Aprender. *Caderno de Educação n.12*, São Paulo: MST, novembro 2004.
- _____. Dossiê MST Escola: documentos e estudos 1990-2001. *Caderno de Educação n. 13*. São Paulo: MST, agosto, 2005.

- _____. Educação da Infância Sem Terra. Orientação para o trabalho de base. *Caderno da Infância n.1*. São Paulo, 2011.
- NASCIMENTO, M. L. B. P. Reconhecimento da sociologia da infância como área de conhecimento e campo de pesquisa: algumas considerações. In: Faria, A. L. G. e Finco, D. (orgs.). *Sociologia da Infância no Brasil*. Campinas, SP: Autores Associados, p. 37-54, 2011.
- PALUDO, Conceição. *Educação popular em busca de alternativas: uma leitura desde o campo democrático popular*. Porto Alegre: Tomo Editorial; Camp, 2001.
- PROUT, Alan. Reconsiderando a nova sociologia da infância. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 40, n. 141, p. 729-750, 2010.
- QUINTEIRO, Jucirema. Sobre a emergência de uma sociologia da infância: contribuições para o debate. *Perspectiva*, v. 20, p. 137-162, 2002.
- QVORTRUP, Jens. Nove teses sobre a “infância como um fenômeno social”. *Pro-Posições*, Campinas, v. 22, n. 1 (64), jan./abr., p. 199-211, 2011.
- RAMOS, Márcia Mara. *Sem Terrinha, semente de esperança*. Monografia (Conclusão de curso: Magistério), ITERRA/MST, Veranópolis, 1999.
- ROSEMBERG, Fúlvia. Educação: para quem. *Ciência e cultura*, v. 28, n. 12, p. 1467-1470, 1976.
- ROSSETTO, Edna Rodrigues Araújo. *Essa ciranda não é minha só, ela é de todos nós: a educação das crianças sem terrinha no MST*. Dissertação (mestrado), Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. Campinas, SP: [s.n.], 2009.
- SIROTA, Régine. Emergência de uma sociologia da infância: evolução do objeto e do olhar. *Cadernos de pesquisa*, São Paulo, v. 112, n. 1, p. 7-22, 2001.

Texto recebido em 04/01/2018 e aprovado em 25/03/2018.